

6

“Che Guevara odiava gays”: (anti)modelos e valores da nova-direita no YouTube

Vinicius Rocha Perrud
Universidade de São Paulo

Introdução

Neste texto, buscamos debater o papel dos argumentos que invocam modelos e antimodelos na discussão promovida pela nova-direita acerca de movimentos sociais progressistas, tais como o LGBTQIA+ e o feminista. Esse trabalho está inserido no escopo de uma iniciação científica orientada à análise discursivo-argumentativa do processo de legitimação da tese da decadência da sociedade ocidental, com base em um *corpus* composto por vídeos de comunicadores de alto alcance, tais como o Olavo de Carvalho e Rodrigo Constantino, disponibilizados em seus canais no YouTube.

No que diz respeito à análise, partiu-se de um enquadramento multidisciplinar que agrega os estudos críticos do discurso (FAIRCLOUGH, 2003; HART, 2014) e os estudos da argumentação, com um diálogo entre duas perspectivas: a retórica (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958]; FIORIN, 2016; REBOUL, 1998) e a lógica informal (MACAGNO, 2015; GONÇALVES-SEGUNDO, 2022; GONÇALVES-SEGUNDO; ISOLA-LANZONI, 2021). Os estudos críticos do discurso são relevantes para esta pesquisa, uma vez que viabilizam uma compreensão teórica do conflito ideológico e do embate entre valores e representações hegemônicas e contra-hegemônicas, ao passo que os estudos da argumentação se mostram produtivos, por fornecer um instrumental para entender o processo de defesa, de crítica e de questionamento das posições em conflito no debate público e, em especial,

das técnicas que promovem adesão a um dado discurso e do raciocínio envolvido em sua legitimação.

Para se realizar a análise proposta, começaremos por uma discussão sobre o que é a nova-direita, sua constituição e qual é a importância do YouTube para a força política do movimento. Depois, buscamos explicar conceitos teóricos importantes para a análise, em especial, o de esquema argumentativo. Feito isso, partimos para as análises, nas quais buscaremos mostrar a produtividade dos argumentos por modelo (e antimodelo) selecionados, a quais valores eles se vinculam e quais poderiam ser as relações entre valor e discurso, de forma a debater sua relevância para o discurso antiprogressista de maneira geral. Concluímos com uma síntese do que foi discutido, esmiuçando de que forma tais argumentos e valores servem aos propósitos específicos da comunicação política da nova-direita.

1 Uma breve contextualização: a nova-direita e os movimentos progressistas

Muito se discute sobre a formação da nova-direita no Brasil (DELCOURT, 2016; SAAD-FILHO; BOITO, 2016; LACERDA, 2016, 2019; SAAD-FILHO, 2020; ROCHA, 2021), contudo, alguns marcos são consensuais entre os pesquisadores que visam discutir sua formação: trata-se de um movimento político que ganhou forças a partir das manifestações de 2013 e do impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, e que se consolidou com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

De início, é importante apontar que esse movimento se funda em um discurso que hibridiza o moralismo conservador e o neoliberalismo econômico, motivo pelo qual costuma ser concebido como um movimento neoconservador.

Em termos sintéticos, uma vez que foge ao escopo deste trabalho detalhar tais conceitos, pode-se afirmar que o discurso neoliberal (i) legitima tanto a forte atuação dos interesses do capital na vida pessoal e social dos indivíduos quanto um discurso “de gestão” no âmbito político (FAIRCLOUGH, 2003; SAAD-FILHO; BOITO, 2016), (ii) valora positivamente a propriedade privada (e incita a sua defesa a todo custo), e (iii) deslegitima e/ou desincentiva intervenções estatais, salvo exceções pontuais, como a extinção de sindicatos

(e movimentos operários no geral), o que, sem dúvida, fortalece o empresariado.

O conservadorismo, por sua vez, constitui-se, segundo Huntington (1957), como um discurso que legitima a manutenção do funcionamento e dos valores vigentes – não raro hegemônicos – da sociedade, sendo esteio da mobilização de propostas orientadas a barrar mudanças sociais. Em outros termos, o conservadorismo busca manter as instituições – processo que se acentua pela reiteração da ideia de que as instituições têm sido infiltradas e tomadas por grupos invasores que buscam corromper o estado de coisas vigente.

Lacerda (2019) ainda aponta que um resultado dessa hibridização discursiva foi a construção de um inimigo, de um alvo bem delimitado para o qual o neoconservadorismo dirige seus ataques: o progressismo, rotulado como comunismo, ressuscitando assim os fantasmas da bipolaridade. O anticomunismo consiste na força motriz que unifica ambos os discursos (conservador e neoliberal), em uma luta contra a dita “hegemonia cultural esquerdista” (ROCHA, 2021, p. 20)¹⁴. No Brasil, esse anticomunismo acabou praticamente entrando em equivalência com antipetismo¹⁵ (DELCOURT, 2016; MESSEMBERG, 2017), dados os 14 anos nos quais o Partido dos Trabalhadores (PT) se manteve na presidência do país – ainda que se trate de um partido de centro-esquerda. Inclusive, é por haver esse expurgo do PT que preferimos, na esteira de pesquisadores como Delcourt (2016) e Souza (2016), assumir 2013 como o ano-chave para entender o movimento, uma vez que os protestos já se organizavam com o objetivo político de tirar a presidenta Dilma Rousseff e, conseqüentemente, o PT do poder.

Essa deslegitimação das ações e das práticas ditas progressistas e comunistas acaba, é claro, por atingir os movimentos sociais que se vinculam à esquerda, tornando-os, assim, os oponentes ideológicos principais da nova-

¹⁴ Ressaltamos, todavia, que Rocha (2021) parte de, aproximadamente, 2000 como o marco da formação da nova-direita, pois considera o mensalão como o início da organização da nova direita (marcadamente na internet, através do Orkut), além de ter um olhar prioritário para o lado neoliberal e militante. Não discordando da validade de sua análise, apenas preferimos um recorte em que a nova-direita de fato tomou as ruas. Além disso, ela deixa bem claro que não tem apreço pelo termo neoconservadorismo (ROCHA, 2021, p. 180), pois, entre outros motivos, o termo neoconservadorismo oculta a influência neoliberalismo – a despeito disso, continuaremos com o termo neoconservadorismo por ser o mais popular (ainda que, de fato, concordemos com ela, de que usar esse termo esconde a noção própria do neoconservadorismo como união).

¹⁵ Gostaríamos, ainda, de salientar que o antipetismo não é contrário apenas ao PT (ainda que este seja, sim, o alvo preferencial), mas sim uma canalização contra a esquerda no geral. Vários outros atores de esquerda são constantemente atacados; antipetismo é, em certo sentido uma metonímia de antiesquerda.

direita. Isso ocorre, especialmente, por conta: (i) da sua ampliação (e defesa institucional) durante os governos do PT; (ii) de serem conflitantes com o conservadorismo moral (por exemplo, a família tradicional precisa lutar contra a “influência LGBTQIA+”); (iii) de envolverem a tomada de ação por parte do Estado ou irem contra a lógica neoliberal de alguma forma.

Por fim, ressaltamos ainda a importância do YouTube para a organização política de nova-direita. Figuras importantes, como Olavo de Carvalho, Joice Hasselmann, Nando Moura e Rodrigo Constantino, entre outros, ao se popularizarem nessa mídia, acabaram conquistando mais espaço político: Olavo de Carvalho indicou ministros; Joice Hasselmann se elegeu deputa federal; Nando Moura entrevistou Jair e Eduardo Bolsonaro; dentre outros.

Como Munger e Philips (2020) explicam, o YouTube é importante para a radicalização na extrema-direita por dois motivos principais: o algoritmo da Google e os efeitos parassociais que os comunicadores conseguem desenvolver por meio dos vídeos:

O YouTube é especificamente apontado como um importante agente de radicalização para a extrema-direita. Embora o YouTube não seja a única plataforma com potencial radicalizante, ele combina a expertise da Google em descoberta de conteúdo (o algoritmo de recomendação) com as capacidades imersivas e parassociais do vídeo (MUNGER; PHILLIPS, 2020, p. 1-2, trad. nossa)¹⁶

2 Discussão teórica: esquemas argumentativos e valores

Como o objetivo deste trabalho é analisar o papel argumentativo da construção de modelos e de antimodelos no discurso da nova-direita, torna-se importante discutir dois conceitos caros a esse campo de pesquisa: esquemas argumentativos e valores. No primeiro caso, partir-se-á de um diálogo entre a retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958]; FIORIN, 2016) e a lógica informal (MACAGNO, 2015; GONÇALVES-SEGUNDO, 2022; GONÇALVES-SEGUNDO; ISOLA-LANZONI, 2021); no segundo caso, o aporte será apenas retórico (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958]; REBOUL, 1998).

¹⁶ Tradução livre de: “YouTube is specifically singled out as an important agent of radicalization into the far right. Although YouTube is not the only platform to have radicalizing potential (Mitts 2019; Richards 2019), YouTube combines Google’s expertise in content discovery (the recommendation algorithm) with the immersive and parasocial capacities of video.”

Segundo Macagno (2015, p. 183), esquemas argumentativos são “padrões estereotípicos de inferência, estruturas abstratas representando a relação material (semântica) e a relação lógica entre as premissas e a conclusão, em um argumento, junto a um conjunto de questões críticas indicando suas condições de revogabilidade”¹⁷

Como estrutura abstrata, o esquema tem uma forma genérica que é instanciada, ou seja, preenchida em dado texto, com base no material semântico-discursivo pertinente à questão em discussão, de forma que o mesmo esquema pode ser mobilizado na defesa de teses de naturezas muito distintas. Essas estruturas, formadas com base em usos concretos reiterados, podem ser bem entendidas se forem comparadas com gêneros literários, como fábulas. Cada instância de fábula tem material semântico-discursivo e léxico-gramatical específico, mas partilham, de modo geral, características abstratas que permitem entendê-las todas como pertencentes ao gênero fábula. Ainda sobre os esquemas argumentativos, é importante notar que, por se tratar de um padrão inferencial, comporta não só premissas/razões explícitas, mas também implícitas, que, juntas, deixam uma trilha para que o auditório¹⁸ possa depreender de que forma uma dada tese é defendida ou atacada (ainda que, claro, não seja necessário que o auditório concorde) (GONÇALVES-SEGUNDO, 2022).

Para exemplificar, apresentamos abaixo o esquema abstrato do argumento pragmático e, em seguida, um caso de uso concreto.

¹⁷ Tradução livre de: “Argumentation schemes have been developed in argumentation theory as stereotypical patterns of inference, abstract structures representing the material (semantic) relation and logical relation between the premises and a conclusion in an argument with a corresponding set of critical questions indicating their defeasibility conditions”.

¹⁸ Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), o auditório é o “conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (p.22). Ressaltam ainda os autores que o auditório é construído pelo orador, haja visto que o orador é quem presume seu público e, por conta disso, adequa seus argumentos para com a situação (p.22-3).

Apontamos que o foco de nossa pesquisa não recaiu sobre a delimitação do auditório, mas podemos indicar - com base principalmente aos valores a que se apela, como apresentamos nas considerações finais desse artigo - que é: a burguesia (incluindo aqui a pequena burguesia) - haja visto o apelo à proteção do “empresariado”; os cristãos de direita - na medida em que com frequência se apela a um discurso moral de fonte religiosa para se opor à “esquerda” (como criticar as feministas pela defesa do aborto legal e seguro); e os conservadores - levando em consideração a defesa do patriarcado e outras estruturas *tradicionais* de opressão (como a heteronormatividade).

Quadro 1. Esquema do argumento pragmático (ou de consequências positivas/negativas)

Premissa 1	Se um agente causar E, então R ocorrerá.
Premissa 2	R consiste em um resultado positivo (negativo) [do ponto de vista do agente]
Conclusão	O agente deve (não deve) causar E.

Fonte: Adaptação de GONÇALVES-SEGUNDO (2022)

O excerto a seguir¹⁹, extraído do corpus, é de um vídeo de Rodrigo Constantino, que argumenta a favor de que os proprietários de meios de comunicação impeçam que o discurso de esquerda seja hegemônico dentro de suas empresas:

(I) "O QUE FALTA PARA CAIR A FICHA? O QUE MAIS É NECESSÁRIO para que os DONOS desses veículos de comunicação assumam com mão FIRME as rédeas de SUAS empresas de SUAS propriedades e comprem então as brigas necessárias com ... esses militantes COMunistas - disfarçados de jornalistas ou artistas - em prol do país... Vocês TÊM essa responsabilidade esse DEVER CÍVICO e moral. Acordem!... Caso contrário amanhã... poderão acordar... numa Venezuela" (RODRIGO CONSTANTINO, 2018)

O quadro 2 apresenta a reconstrução do argumento pragmático mobilizado no excerto acima. Na coluna do meio, encontra-se a reconstrução do argumento, e, na da direita, o trecho original (neste caso, o segmento tópico aparece em uma única célula, mas, a depender de quão bem delimitado se encontra o argumento no texto, pode ser separado para corresponder idealmente a cada parte do argumento - isto é, com premissas e conclusões bem separadas). É importante ressaltar que a reconstrução parte da enunciação, mas se orienta ao delineamento do raciocínio argumentativo, raciocínio este que pode ser construído semioticamente de formas muito distintas; logo, não haverá uma fidelidade estreita ao material linguístico de origem. Este, por sua vez, pode ser recuperado para detalhar a dimensão persuasiva do movimento argumentativo:

¹⁹ Todas as transcrições de textos orais realizadas para este trabalho seguem parcialmente as orientações do Projeto NURC (PRETI, 1999). Focamos nos seguintes aspectos: (a) a entonação enfática foi marcada por maiúsculas; (b) os alongamentos de vogais foram assinalados por meio de dois pontos; (c) a interrogação foi indicada por meio do marcador (?); (d) as pausas foram evidenciadas com ...; (e) os comentários que quebram a sequência temática foram delimitados por meio do travessão (-); e (f) a exposição de citação literais foi marcada com aspas (""). Como nosso objetivo não é atentar às particularidades da fala, optamos por uma transcrição mais próxima à norma culta; além disso, valemos de colchetes para marcar ações do indivíduo (como fumar) ou edições de vídeo (como a inserção de *prints* para legitimar uma tese).

Quadro 2. Argumento do exemplo (I)

Premissa 1	Se os donos de veículos de comunicação não forem firmes com comunistas em suas empresas, o Brasil virará um país comunista.	O QUE FALTA PARA CAIR A FICHA? O QUE MAIS É NECESSÁRIO para que os DONOS desses veículos de comunicação assumam com mão FIRME as rédeas de SUAS empresas de SUAS propriedades e compreendam então as brigas necessárias com ... esses militantes COMUNistas - disfarçados de jornalistas ou artistas - em prol do país... Vocês TÊM essa responsabilidade esse DEVER CÍVICO e moral. Acordem!... Caso contrário amanhã... poderão acordar... numa Venezuela
Premissa 2	Não é desejável que o Brasil se torne comunista.	
Conclusão	Os donos dos veículos de comunicação devem ser firmes com comunistas em suas empresas.	

Fonte: Autoria própria

Os argumentos que analisamos nesse trabalho são de modelo e antimodelo, que podem ser definidos com base em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958], p. 413-9) como aqueles que buscam transferir o prestígio (ou desprestígio, no caso de antimodelos) de uma pessoa ou grupo para as suas ações; trata-se, pois, principalmente de um esquema de argumentação prática (FAIRCLOUGH; FAIRCLOUGH, 2012; GONÇALVES-SEGUNDO, 2019), orientado à defesa de uma proposta de ação.

Os Quadros 3 e 4 apresentam o esquema de modelo e antimodelo, respectivamente:

Quadro 3. Esquema do argumento de modelo

Premissa 1	M é um modelo de V, valorado positivamente em um dado discurso
Premissa 2	A ação A é tipicamente realizada por M
Premissa 3	O que é realizado por um modelo do valor V deve ser imitado
Conclusão	Deve-se agir conforme M

Fonte: Autoria própria

Quadro 4. Esquema do argumento de antimodelo

Premissa 1	M é um modelo de V, valorado negativamente em um dado discurso
Premissa 2	A ação A é tipicamente realizada por M
Premissa 3	O que é realizado por um modelo do valor V não deve ser imitado
Conclusão	Não se deve agir conforme M

Fonte: Autoria própria

Como podemos depreender da estrutura do esquema, modelos e antimodelos estão calcados em valores, que constituem elementos fundamentais para compreender o grau de prestígio (ou desprestígio) de dados atores sociais, cujo comportamento exemplar²⁰ serve para mobilizar ações e legitimar dadas atitudes como corretas (ou incorretas).

Adota-se neste estudo a proposta de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958], p. 83-7), para os quais os valores constituem a base da argumentação, orientando o que é ou não desejável. Grupos específicos, por conseguinte, têm valores específicos, a exemplo, o discurso da nova-direita com frequência se orienta com base na “família tradicional”.

Além disso, considera-se relevante notar que os valores não são únicos; na realidade, como apontam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), existe uma hierarquia de valores. Assim, com frequência, a argumentação se estrutura não apenas no desejado e indesejado (de maneira binária), mas do que é mais e menos preferível (em uma escala). No excerto abaixo, por exemplo, a defesa do patriarcado e da posição de dominância do homem é preferível à defesa física da mulher – ainda que o próprio orador, Olavo de Carvalho, admita que a mulher é frequentemente violentada em relações com homens:

Mas podemos dizer que 80% das relações sexuais ... entre homem e mulher SÃO destrutivas da parte do homem ... e este é o coeficiente de veracidade que existe no feminismo ... só que o feminismo tenta ... vencer isto mediante a imposição de um poder legal e estatal [fumando] em cima do homem e mediante uma siMulação de inversão de papéis como a gente vê no cinema essas mulheres dançando em cima dos caras uma mulher batendo em cinco homens etc. etc. (TEMPOS MODERNOS [OLAVO DE CARVALHO], 2018)

Por fim, sobre esse tema, é importante notar que a Nova Retórica distingue dois tipos de valores: os concretos e os abstratos. Enquanto os primeiros seriam aqueles que prescindem de uma âncora objetiva, como a justiça, a liberdade, o amor, os últimos se constituem a partir delas, como a Igreja Católica, o Brasil, dentre outros (REBOUL, 1998, p. 164).

²⁰ Apontamos que a criação de modelos e antimodelos não é, de maneira alguma, unânime; é possível se refutar uma visão, portanto. É o que Rodrigo Constantino faz no primeiro excerto que veremos na seção de análise do *corpus*, em que transforma um antimodelo (a Margareth Thatcher) das feministas em um modelo de mulher empoderada.

3 Análise do Corpus

Passamos, a seguir, à análise do corpus. O primeiro exemplo é extraído de um vídeo em que Rodrigo Constantino, comunicador, escritor e colunista, busca, entre outros objetivos (como propor que os empresários deveriam cercar discursos de esquerda dentro de suas empresas), mostrar que o feminismo é um movimento de esquerda e que não está ligado ao empoderamento feminino. Seguem abaixo o excerto e a reconstrução do argumento por modelo instanciado:

(1) "A mulher por essa ... ótica seria EXPLORada pelos homens e precisaria então ser PROTEGIDA pelo Estado (ou pela ESQUERDA) [...] Marcha das minorias oprimidas e o velho ... lema romano na verdade né? "DIVIDIR para conquistar o poder" [...] não pensem que o EMPODERAMENTO da mulher é a meta dessas feministas se fosse Margaret Thatcher seria o ÍCONE do movimento né? / E é detestada por ele Thatcher que governou por mais de uma DÉcada o Reino Unido não bancava a vítima ... não demonizava os homens ... não era feminista e não devia nada ao movimento segundo ela mesmo. E não queria destruir a família muito pelo contrário ela era uma CONSERVADORA e esse é o "pecado" mortal e imperdoável ... segundo as feministas. Quem elas defendem então? ORA todos e todas que forem de ESQUERDA especialmente da esquerda RADICAL que forem ... SOCIALISTAS" (RODRIGO CONSTANTINO, 2018).

Quadro 5. Argumento por modelo em (1)

Premissa 1	A Thatcher é um modelo de mulher empoderada e conservadora	não pensem que o EMPODERAMENTO da mulher é a meta dessas feministas se fosse Margaret Thatcher seria o ÍCONE do movimento né? [...] Thatcher que governou por mais de uma DÉcada o Reino Unido [...]ela era uma CONSERVADORA
Premissa 2	Defender a família, não demonizar o homem, não bancar a vítima, não ser feminista, ser conservadora são todas posturas que Thatcher adotava	não bancava a vítima ... não demonizava os homens ... não era feminista e não devia nada ao movimento segundo ela mesmo e não queria destruir a família, muito pelo contrário ela era uma CONSERVADORA
Premissa 3	Mulheres (realmente) empoderadas devem ser imitadas	se fosse Margaret Thatcher seria o ÍCONE do movimento né?
Conclusão	Deve-se ser uma mulher conservadora.	

Fonte: Autoria própria

Inicialmente, é relevante destacarmos a escolha de Thatcher como modelo, uma mulher de direita, figura central para a consolidação do neoliberalismo no Ocidente (DARDOT; LAVAL, 2016), o que atesta a vinculação

de tal argumento à lógica neoconservadora da nova-direita. O excerto evidencia, em consonância com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958], p. 415-7), que a escolha de um modelo vem acompanhada não só de uma glorificação do ator social, mas também de um ocultamento do que é indesejável à dada argumentação. Deste modo, reforçam-se dadas características e ocultam-se outras que não são desejáveis à situação: assim, busca-se dizer que ela era pró-família e oculta-se que foi uma das figuras políticas mais odiadas de todo o Reino Unido por conta de reformas que empregou (FREEMAN; CAMPBELL, 2014, p. 499) – logo, é o enquadramento do orador que cria o modelo; no caso, a adaptação a um auditório cristão conservador coloca em primeiro plano o teor pró-família. Além disso, nota-se que o discurso não se limita a defender Thatcher como uma mulher empoderada, mas sim sugere que uma mulher de fato empoderada é conservadora (incluindo aqui todos os desdobramentos disso, como ser pró-família). A partir disso, Rodrigo Constantino passa a valer-se desses atribuídos imputados a Thatcher para sugerir como as mulheres deveriam ser – na sua concepção – e quais mulheres o feminismo deveria ter como ícones.

Outro ponto relevante são os valores que ele elenca. O poder político mostra-se mais importante que empoderamento feminino²¹, e a defesa da família, que pode ser também entendido como retidão moral (não demonizar homens, não bancar a vítima etc.), é um valor máximo, construído em total oposição a ser feminista (“não queria destruir a família, muito pelo contrário, ela era uma conservadora”). Longe de serem desimportantes, esses valores estão diretamente ligados à base ideológica da nova-direita, pois constituem a base da manutenção de um sistema político que favorece os homens. Por conta disso, toda ação política deve passar pelo julgamento masculino para que seja valorada – em outros termos, mesmo o que é uma mulher empoderada deve

²¹ Pode parecer contraditório, mas vale ressaltar que empoderamento, tal qual discutido pelas feministas, **não** é ter poder (no sentido cotidiano); trata-se de tornar-se livre, independente, igual às outras pessoas. O empoderamento, então, é a liberdade daqueles que sofrem com o abuso de poder de outros grupos, como explica Berth (2019, p. 19):

“Muitas vezes, estar imerso na realidade opressiva impede uma percepção clara de si mesmo enquanto oprimido. A este nível, a percepção de si como contrário ao opressor não significa ainda que se comprometa a uma luta para superar a contradição: um polo não aspira a sua libertação, mas a sua identificação com o polo oposto. Trata-se de uma visão individualista devido a sua identificação com o opressor, sem a consciência de si mesmo enquanto pessoa, enquanto membro de uma classe oprimida. Não é com o objetivo de serem livres que desejam a reforma agrária, mas sim para adquirir uma terra e, desse modo, converterem-se em proprietários, ou, mais precisamente, em patrões de outros trabalhadores. Isso ilustra a afirmação segundo a qual, durante a fase inicial da luta, os oprimidos encontram no opressor seu ‘tipo de homem’”.

ser valorado por um homem. Como discute Lacerda (2019), a ação política neoconservadora orienta-se, dentre outros aspectos, à dominação masculina e à submissão feminina (LACERDA, 2019, p. 39-43); nesse sentido, posições de poder só podem ser ocupadas por uma mulher se ela reforçar os padrões de gênero; conseqüentemente, o feminismo, como resistência a tais padrões, é visto como um problema a ser superado.

O argumento (2), instanciado em um vídeo de Rodrigo Constantino, constrói um modelo de homem neoliberal: o empresário/empreendedor. Flavio Rocha, proprietário da rede de lojas Riachuelo, ex-deputado federal e, no momento em que o vídeo foi postado, pré-candidato à presidência com apoio do MBL, é apresentado por Constantino como o modelo de empresário a ser seguido:

(2) "Já o empresário Flávio ROCHA cuja empresa Riachuelo teve TAMBÉM fábrica invadida pelo MESMO MST nesta quinta ... né tentou impedir 7 mil pessoas de trabalharem reagiu de forma bem mais FIRME DURA VEEMENTE: chamou o movimento de TERRORISTA chamou o MST de uma cambada de VAGABUNDOS e disse que não iria se intimidar com essas ameaças CRIMINOSAS se ESSA resposta fosse o PADRÃO DA IMPRENSA se as novelas re/re/RETRATASSEM reproduzissem esse MST que é o verdadeiro não aquele inventado por Greg entre uma baforada e outra talvez TALVEZ o monstro não tivesse chegado aonde chegou" (RODRIGO CONSTANTINO, 2018).

Quadro 6. Argumento por modelo em (2)

Premissa 1	Flávio Rocha é um modelo de virilidade	Já o empresário Flávio ROCHA cuja empresa Riachuelo teve TAMBÉM fábrica invadida pelo MESMO MST nesta quinta ... né tentou impedir 7 mil pessoas de trabalharem reagiu de forma bem mais FIRME DURA VEEMENTE: chamou o movimento de TERRORISTA chamou o MST de uma cambada de VAGABUNDOS e disse que não iria se intimidar com essas ameaças CRIMINOSAS
Premissa 2	Flávio Rocha reagiu de forma firme, dura e veemente contra os "comunistas", não se intimidando por ameaças criminosas	Já o empresário Flávio ROCHA cuja empresa Riachuelo teve TAMBÉM fábrica invadida pelo MESMO MST nesta quinta ... né tentou impedir 7 mil pessoas de trabalharem reagiu de forma bem mais FIRME DURA VEEMENTE: chamou o movimento de TERRORISTA chamou o MST de uma cambada de VAGABUNDOS e disse que não iria se intimidar com essas ameaças CRIMINOSAS
Premissa 3	Modelos de virilidade devem ser imitados	Se ESSA resposta fosse o PADRÃO DA IMPRENSA se as novelas re/re/RETRATASSEM reproduzissem esse MST que é o verdadeiro não aquele inventado por Greg entre uma baforada e outra talvez TALVEZ o monstro não tivesse chegado aonde chegou
Conclusão	Deve-se agir de forma a coibir o discurso progressista dentro de suas empresas	Se ESSA resposta fosse o PADRÃO DA IMPRENSA se as novelas re/re/RETRATASSEM reproduzissem esse MST que é o verdadeiro não aquele inventado por Greg entre uma baforada e outra talvez TALVEZ o monstro não tivesse chegado aonde chegou

Fonte: Autoria própria

O primeiro ponto a se observar é que Flávio Rocha é construído pelo processo de glorificação; assim, fala-se como esse é um empresário viril²², que gera muitos empregos e tem coragem de lutar contra os “terroristas”, sem, contudo, salientar que a ocupação realizada pelo MST se deveu à reforma trabalhista (PACHECO, 2018). Além disso, Rodrigo Constantino ecoa as denominações pejorativas reiteradamente partilhadas acerca do MST (terroristas, criminosos) e ainda agrega dois outros supostos “inimigos” da sociedade – a mídia (imprensa e novelas) e Gregório Duvivier –, que não expõem as “verdades” sobre o movimento e que, por conta disso, o beneficiam. Vale apontar, ainda, que o vídeo não se limita a propor que se aja contra o MST somente, mas contra qualquer discurso progressista. A proposta de ação que Constantino sustenta, portanto, é a de que os donos de empresas vigiem o que seus funcionários defendem ou não.

Quanto aos valores, podemos observar que são fortemente ligados ao neoliberalismo: o valor primordial é o da propriedade privada, visto que, para essa discursividade, não é adequado que a propriedade privada seja ocupada, o que está associado a um valor de “trabalho (subserviente)”, ou seja, de que não é adequado que se proteste por melhores condições de trabalho – é o que constitui a ideia de que os manifestantes são “vagabundos” que “impediram 7 mil pessoas de trabalharem”. Há, ainda, um valor de “masculinidade” presente, que justifica que uma ação “viril” seja considerada positiva e digna de ser imitada.

O exemplo (3) tem como contexto um vídeo sobre a “Ideologia de Gênero”, uma teoria da conspiração. O vídeo é de Bernardo Küster, uma figura de nova-direita ligada a Olavo de Carvalho e que teve seu canal recomendado por Jair Bolsonaro (BOLSONARO, 2018; LEDA NAGLE, 2018; ZANINI, 2021). O vídeo é especialmente relevante por ter sido gravado para pessoas leigas no assunto e por comentar a declaração da ministra dos direitos humanos do governo Bolsonaro, Damares Alves, que se tornou meme por ter gritado, com outras pessoas, que “chegou a nova era, menino veste azul e menina veste rosa!” (PAINS, 2019, n.p.) ,em uma atitude de ratificação de estereótipos de gênero. Bernardo Küster, então, busca mostrar a importância da fala da

²² O termo “viril” é utilizado aqui como uma hiperonímia, como é uma forma de agregar todos os termos que Rodrigo Constantino utiliza para criar a figura de um homem de personalidade forte. O termo “viril” foi escolhido, também, porque é amplamente utilizado pela nova-direita.

ministra, através uma série de antimodelos, os quais serão contrapostos à ação da gestão Bolsonaro:

(3) “Não sei se vocês sabem mas os homossexuais eram MORTOS em Cuba Che Guevara ODIAVA gays lá na Rússia os homossexuais eram perseguidos MORTOS A RODO não foi só Hitler que matou homossexual não Pessoal PRESTA tenção calma! O governo Bolsonaro da/da ministra Damares vai fazer direitos humanos para TODOS OS HUMANOS gay é humano trans é humano eu sou humano todo mundo é humano DEMASIADAMENTE HUMANO” (BERNARDO P KÜSTER, 2019)

Quadro 7. Argumento por antimodelo em (3)

Premissa 1	Che Guevara, Stalin e Hitler são modelos de líderes injustos	Não sei se vocês sabem mas os homossexuais eram MORTOS em Cuba Che Guevara ODIAVA gays lá na Rússia os homossexuais eram perseguidos MORTOS À RODO não foi só Hitler que matou homossexual não Pessoal PRESTA tenção calma! O governo Bolsonaro da/da ministra Damares vai fazer direitos humanos para TODOS OS HUMANOS gay é humano trans é humano eu sou humano todo mundo é humano DEMASIADAMENTE HUMANO
Premissa 2	Líderes injustos sempre buscam segregar parte da população	
Premissa 3	Não se devem imitar líderes injustos	
Conclusão	Os governos não devem adotar políticas públicas baseadas na segregação da população, como o fizeram líderes injustos.	

Fonte: Autoria própria.

O exemplo começa por fazer uma diferenciação entre o presidente Bolsonaro (ou, de maneira geral, o seu governo) e os governos de Stalin, Hitler e Che Guevara que segregariam a população por “tipos”: logo mostra-se que eles eram homofóbicos e odiariam, perseguiriam e/ou matariam gays, ao passo que o presidente do Brasil - e, conseqüentemente, sua gestão - não faria distinção entre grupos de pessoas, governando em benefício de todos os cidadãos. Trata-se, todavia, não de uma crítica à homofobia, e sim às políticas identitárias, que eram mais comuns nos regimes petistas (e o são em regimes progressistas de forma geral).

O problema é que Bernardo Küster coloca duas opções: de um lado, está o preconceito; do outro, a ausência de política identitária, o que não é a realidade, já que as políticas identitárias se referem a “uma ampla coleção de projetos políticos, cada um realizado por representantes de um coletivo com uma localização social particularmente diferente que até agora foi

negligenciada, apagada ou suprimida” (HEYES, 2020, n.p. trad. nossa)^{23,24}. Trata-se, portanto, de uma estratégia de adicionar à tese do outro um aspecto negativo. Como explica Schopenhauer, uma forma simples de negar uma tese é afirmar que ela é outra coisa (SCHOPENHAUER; WERNER, 2014, p. 100); neste caso, políticas identitárias “são” preconceituosas, porque se baseiam na diferenciação de um grupo social específico para melhor atendê-lo. Esse argumento evidencia novamente um discurso orientado a coibir os movimentos progressistas; afinal, no cerne, a nova-direita é o neoconservadorismo antipetista, segundo o qual qualquer grupo que busque reparação histórica está indo diretamente contra seus planos.

O valor recrutado nesse argumento não é evidente, mas pode ser formulado com oposição justiça-igualdade x preconceito-coletivismo²⁵. O que procuramos mostrar é que esse discurso associa justiça à igualdade, ou seja, o justo é o que é igual para todos. Conseqüentemente, a política identitária, que busca empoderar grupos minoritários, torna-se inaceitável, porque se baseia em uma noção coletivista lastreada em classes sociais, etnia, orientação sexual, que acaba instaurando, de seu ponto de vista, preconceitos. Em outros termos, é uma oposição entre um hiperindividualismo neoliberal e um coletivismo próprio da esquerda - nesse caso, de uma esquerda progressista: o neoliberalismo considera que todos são iguais (ainda que não partam do mesmo ponto e que não tenham os mesmos recursos materiais) e devem, portanto, receber o mesmo tratamento por parte do Estado²⁶, enquanto os progressistas afirmam que há uma estrutura hegemônica de classes/etnia/gênero que precisa ser derrubada e que, para tal, o Estado deve empoderar grupos conforme suas necessidades.

²³ Tradução livre de: “a loose collection of political projects, each undertaken by representatives of a collective with a distinctively different social location that has hitherto been neglected, erased, or suppressed” (HEYES, 2020, p. n.p.)

²⁴ Em outros termos, não é verdade que uma política genocida de pessoas seja uma política identitária na medida em que ela é, pelo contrário, contra um grupo que foi reprimido e marginalizado. Também não é possível afirmar que políticas identitárias brasileiras que visam atender uma parte da população, que foi reprimida e marginalizada socialmente, é preconceito contra a outra parte da população.

²⁵ Reforçamos ainda que essa noção de justiça, como qualquer outro valor da nova-direita, é explicada conforme é possível depreender do corpus e não reflete, portanto, a visão do autor do artigo.

²⁶ Como explicam Dardot e Laval (2016, n.p.): “Compreende-se, então, como a instauração de indicadores e “rankings” faz parte da ampliação do modo de subjetivação neoliberal: qualquer decisão, seja médica, escolar, seja profissional, pertence de pleno direito ao indivíduo. O que, devemos lembrar, tem certa ressonância no indivíduo, na medida em que ele aspira controlar o curso de sua vida, suas uniões, sua reprodução e sua morte. Mas essa ética “individualista” é tratada como uma oportunidade de jogar todos os custos nas costas do sujeito, por mecanismos de transferência do risco que não têm nada de “natural”. No fundo, a estratégia consiste em partir da aspiração à decisão pessoal na questão da escolha de vida e reinterpretar o conjunto dos riscos como escolhas de vida”.

De fato, esse vídeo não só legitima o discurso da binaridade das identidades e das performances de gênero e também de toda e qualquer ação que busque diminuir a visibilidade LGBTQI+ e os preconceitos e injustiças que os membros dessa comunidade sofrem, como também, em última instância, deslegitima qualquer outra política identitária, como a Lei da Maria da Penha e as cotas raciais.

O exemplo (4) é de um vídeo em que o Bernardo Küster comenta a polêmica relacionada a quando Eduardo Bolsonaro atribuiu a responsabilidade à China pela pandemia de Covid (CNN BRASIL, 2020):

(4) "Seu Xi Jinping! Seu embaixador PREGUIÇOSO e MENTIROSO! Que deveria ter AGIDO em função disso [=corona vírus] preparado seu povo preparado tudo! NÃO negligente ESCRAVIZA o povo ABORTA bebês MATA sua pó/própria população ENGANA O MUNDO e vem querer CULPAR OS OUTROS AGORA? [...] os chinas sabiam de tudo ocultaram MENTEM agora e a pergunta é: você acredita em comunista? Eu não acredito [...]"

O Eduardo Bolsonaro pode ter errado a mão SIM mas acabou acertando porque trouxe à baila um assunto importantíssimo que tava oculto em meio a essas acusações de Bolsonaro fez aquilo Bolsonaro deixou de fazer isso

A China tem um histórico de ESPALHAR doenças e epidemias pelo mundo seja voluntariamente OU NÃO mas o fato é são NEGLIGENTES e devem ser responsabilizados por isto" (BERNARDO P KÜSTER 2020).

Quadro 8. Argumento por antimodelo em (4)

Premissa 1	A China não é um modelo de governo diligente.	A China tem um histórico de espalhar doenças e epidemias pelo mundo seja voluntariamente ou não mas o fato é são negligentes
Premissa 2	A China mente, oculta informação, não se prepara para crises e mata a própria população.	Seu Xi Jinping! Seu embaixador preguiçoso e mentiroso! Que deveria ter agido em função disso [=corona vírus] preparado seu povo preparado tudo! Não negligente escraviza o povo aborta bebês mata sua própria população engana o mundo e vem querer culpar os outros agora? [...] os chinas sabiam de tudo ocultaram mentem agora e a pergunta é: você acredita em comunista?
Premissa 3	Não se deve ser um governo negligente	devem ser responsabilizados por isso [ser negligentes]
Conclusão	Um governo não pode ocultar informações nem deixar de fazer algo pelo bem-estar de sua população.	

Fonte: Autoria própria

O primeiro ponto que julgamos relevante ressaltar é que, apesar de o vídeo buscar legitimar que a China tem, sim, culpa pela pandemia, ele serve, também, ainda que em menor escala, para retirar o peso da pandemia dos ombros do governo Bolsonaro (“tava oculto em meio a essas acusações de Bolsonaro fez aquilo Bolsonaro deixou de fazer isso”).

Além disso, salientamos que esse argumento é parte do discurso antiprogressista na medida em que, enquanto havia uma pressão (supostamente, para a nova-direita, da esquerda) para a tomada de medidas preventivas (uso de máscaras, *lockdown* etc.) e uso de vacinas, o comunicador culpa a China pela crise. Dessa forma, subtrai responsabilidade do governo federal e das pessoas que não seguem as recomendações da OMS e a dirige à China, cujo governo é apresentado como não confiável; além disso, faz com que tudo que venha daquele país seja visto como perigoso/falso/incorreto, sejam as informações sobre a pandemia, seja sobre a vacinação, – vale apontar, por exemplo, que seis meses após o *tweet* do Eduardo Bolsonaro, o medo de vacinas de origem chinesa atingia metade da população brasileira (TOLEDO, 2020).

Assim, o antipetismo da nova-direita, como comentado na segunda nota de rodapé, aqui se mostra como sinofobia (“A China tem um histórico de espalhar doenças e epidemias”), em que primeiro a China é colocada como responsável pela pandemia para depois se afirmar que isso seria o *modus operandi* comunista (“os chinas sabiam de tudo, ocultaram, mentem agora, e a pergunta é: você acredita em comunista?”). Bernardo Küster, assim, reforça o discurso antiesquerda no geral, inclusive, categorizando a China a partir de inúmeros epítetos que representam atitudes expurgadas pela nova-direita, como “escravizadores” e “pró-aborto”.

Dito isso, vale mostrar que, apesar de parecer que o valor principal é a verdade, seria melhor dizer que o valor primordial é a diligência: assim, a China não só mente sobre a pandemia, mas também não cuida do próprio povo. Em franca oposição, Eduardo Bolsonaro é construído por meio do discurso argumentativo como alguém honesto, e o governo de seu pai, Jair Bolsonaro, é apresentado como diligente (“vem querer culpar os outros agora” e “oculto em meio a essas acusações de Bolsonaro fez aquilo Bolsonaro deixou de fazer isso”). Por fim, há um valor de retidão moral, assim a China é abortista, escravizadora e mata a própria população, o que não é desejável.

No quinto exemplo, vídeo no qual Rodrigo Constantino argumenta contra uma “feminilização” dos homens ocidentais e a favor de uma criação mais viril, veremos como o comunicador argumenta sobre a necessidade da virilidade para qualquer sociedade, valendo-se, para isso, da construção de um antimodelo:

(5) “homens viris ... SEMPRE foram essenciais para proteção da casa da família DA MULHER da SOCIEDADE se o ocidente depender de um TRUDEAU canadense para se proteger então é melhor levantar LOGO uma bandeira branca e deixar os islâmicos dominarem TUDO” (RODRIGO CONSTANTINO, 2020)

Quadro 9. Argumento por antimodelo em (5)

Premissa 1	Trudeau é um modelo de homem não viril	homens viris ... SEMPRE foram essenciais para proteção da casa da família DA MULHER da SOCIEDADE se o ocidente depender de um TRUDEAU canadense para se proteger então é melhor levantar LOGO uma bandeira branca e deixar os islâmicos dominarem TUDO
Premissa 2	Homens não viris não são capazes de proteger a casa, a família, a mulher e a sociedade	
Premissa 3	Não se pode seguir o exemplo de Trudeau	
Conclusão	Não se deve ser um líder não viril	

Fonte: Autoria própria

No exemplo (5), Rodrigo Constantino delinea a concepção da nova-direita sobre governos progressistas, destacando os riscos associados a governantes com esse perfil político. No discurso neoconservador, a decadência ocidental estaria ligada a uma derrocada de dados valores “primordiais”, como a família, o cristianismo, o capitalismo, e, neste caso, a virilidade. A imagem que o argumentador constrói é de que governantes não viris seriam, em última instância, aqueles que viabilizariam o “fim da sociedade como a conhecemos”, abrindo espaço para a dominação islâmica, mais um dos expurgos de tal discursividade. Esse valor de virilidade é ressaltado em outros momentos do vídeo; vale mostrarmos que Constantino cita a pensadora conservadora estadunidense Candace Owens, para quem “não há sociedade que possa sobreviver sem os homens fortes, o Oriente sabe disso”.

Assim, apresenta-se como antimodelo um líder progressista e afirma-se que ele não poderá proteger o Canadá do “islamismo” e, por consequência, incita o auditório a não apoiar governantes progressistas e a não ser progressista. É importante, sobre esse exemplo (e o próximo, que traz um argumento parecido), notar que o discurso não é só machista por diferenciar

homens e mulheres, mas também porque justifica que as mulheres são “propriedade”: a mulher é algo a ser defendido dos islâmicos tanto quanto a propriedade e a nação; esta é uma concepção de família patriarcal própria aos neoconservadores e observada em todos os movimentos equivalentes ao redor do mundo, incluindo, infelizmente, o Brasil – dada sua constituição escravocrata e patriarcal –, como bem explica Petchesky²⁷:

Historicamente, o conceito de "privado" para conservadores estadunidenses inclui não só "livre iniciativa" e "direitos de propriedade", mas também o direito de sua mulher e seu corpo, de suas crianças e seus corpos, de seus escravos e seus corpos. É uma ideologia patriarcal e racista, mas também capitalista (PETCHESKY, 1981, p. 222, trad. nossa)

No sexto, e último exemplo deste trabalho, Olavo de Carvalho, comunicador e escritor, busca deslegitimar o feminismo. Para tal, ele argumenta, a partir de um antimodelo russo, que o homem tem naturalmente um poder que a mulher não tem.

(6) “Tudo isso é evidentemente é ... RIDÍCULO porque na hora que tem uma guerra você vai chamar os homens na hora que você tem/tem um desastre você vai botar quem para carregar os cadáveres dos doentes? Os HOMENS [...] E sempre resta o famoso exemplo do ... do KERENSKY o último governador republicano da/da/da governante da Rússia antes da revolução que no seu palácio tinha uma guarda ... constituída inteiramente de MULHERES ... os comunistas quando tomaram o palácio ... ESTUPRARAM e MATARAM todas ...é... Então isso quer dizer que a igualdade de poder entre homem e mulher é IMPOSSÍVEL” (TEMPOS MODERNOS [OLAVO DE CARVALHO], 2018).

Quadro 10. Argumento por antimodelo em (6)

Premissa 1	Kerensky é um modelo de líder que tentou igualar o poder entre homens e mulheres	KERENSKY o último governador republicano da/da/da governante da Rússia antes da revolução que no seu palácio tinha uma guarda ... constituída inteiramente de MULHERES ...
Premissa 2	Líderes que buscam a igualdade perecem diante de comunistas revolucionários	os comunistas quando tomaram o palácio ... ESTUPRARAM e MATARAM todas
Premissa 3	Não se deve seguir o exemplo de Kerensky	Tudo isso é evidentemente é ... RIDÍCULO porquê na hora que tem uma guerra você vai chamar os homens na hora que você tem/tem um desastre você vai botar quem para carregar os cadáveres dos doentes? Os HOMENS [...] E sempre resta o famoso exemplo do ... do KERENSKY

²⁷ Tradução livre de: “Historically, the concept of ‘privacy’ for American conservatives has included not only ‘free enterprise’ and ‘property rights,’ but also the right of the white male property owner to control his wife and his wife’s body, his children and their bodies, his slaves and their bodies. It is an ideology that is patriarchal and racist, as well as capitalist”

Conclusão	Não se deve dar espaço para mulheres em papéis que são tipicamente masculinos	isso quer dizer que a igualdade de poder entre homem e mulher é IMPOSSÍVEL
------------------	---	--

Fonte: Autoria própria

Olavo de Carvalho atribui a tomada do palácio de Kerensky à disparidade de poder entre homens e mulheres. Nesse sentido, tal governante, ao construir sua guarda com mulheres, torna-se antimodelo de comportamento. Assim, é importante notar que o argumento não só é uma crítica ao feminismo, mas à esquerda de maneira geral – inclusive, buscando mostrar os comunistas como assassinos e estupradores.

Como é o caso de exemplos anteriores, apesar de o antimodelo ser específico, a conclusão não é. Olavo de Carvalho busca enfatizar, nesse segmento tópico, que o feminismo/progressismo nunca deve se fazer presente, porque isso levaria a um regime comunista – que inclui violência por parte de seus agentes. Torna-se possível depreender, portanto, que qualquer tipo de avanço progressista – mesmo que simplesmente permitir que as mulheres assumam um espaço tipicamente masculino (neste caso, servir o exército) – é visto como uma etapa para a consolidação de um regime comunista. É um aviso ao auditório para que não seja nem um pouco progressista, nem que se deixe confundir por um discurso que peça igualdade entre os gêneros. Assim, o valor principal do discurso é a “masculinidade”, que deve orientar a tomada de decisões.

Considerações finais

Pode-se concluir, retomando a discussão da seção de contextualização, que a nova-direita se orienta a deslegitimar e controlar o acesso a discursos de esquerda, com forte foco nos movimentos progressistas. Os exemplos com frequência se focavam no feminismo, principalmente por que se busca ressaltar uma suposta “superioridade” masculina e negar o empoderamento feminino (conforme análise dos excertos 1, 5 e 6). Todavia, depreendemos também valores (sejam positivos ou negativos) da nova-direita que orientam muitos argumentos diferentes, a exemplo:

- Propriedade privada e trabalho (excerto 2);
- a “liberdade/igualdade” (excerto 3);

- a "justiça" - marcadamente pela menção de figuras (supostamente) autoritárias, a saber: Stalin, Che Guevara e Hitler - (excerto 3);
- retidão moral - notadamente ligada a uma moral da direita cristã - tais como: ser pró-família, ser conservador, ser honesto, ser justo etc. (excertos 1, 2 e 4).

Mas, como notamos, esses valores servem aos mais diversos argumentos; assim, pode-se tratar de um ponto - como o empoderamento feminino (que é contra a retidão moral - isto é, ser "pró-família") -para negar qualquer tipo de política progressista; outro exemplo é negar uma política que busca equidade para a população LGBTQI+ para negar qualquer outra política que busque equidade.

A exemplo, o sentido de liberdade e igualdade é restrito, como discutido anteriormente. Está ligado ao recorte específico que a nova-direita tem desses conceitos. Nesse sentido, trata-se de:

- a) o direito de a elite de escolher como dirigir seu negócio (excerto 2);
- b) a liberdade de informação (excerto 4);
- c) ou mesmo de não querer "demonizar os homens" (porque são todos "iguais") (excerto 1).

Porém, não consideram liberdade e igualdade, por exemplo:

- a) o direito de a mulher realizar um aborto ou o de não querer constituir família ("ser contra a família") (excerto 1);
- b) o direito de a mulher ocupar cargos tradicionalmente masculinos (o que é conflitante com a noção de igualdade, ressaltamos) (excerto 6);
- c) o direito de a mulher defender seus próprios interesses em movimentos sociais (excerto 1) ou, mesmo, defender suas casas (excerto 5).

Por conta dessa generalidade possível aos argumentos, podemos voltar à afirmação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958], p. 83-7) sobre valores *universais*, que apelam para algo assumido por todos, como o valor de justiça, mas é diferente para cada discurso. Há, assim, uma tendência de tais argumentadores em se apoiarem em valores abstratos, como "família", "justiça" etc.. Podemos aqui fazer uma ponte ao que Fairclough (2003) definiu como lógica explanatória, isto é, uma explicação lógica que não se aprofunda propriamente em causas e efeitos. Assim, uma defesa da "família" justifica qualquer tomada de ação, como, no excerto (5), em que se afirma que os homens são responsáveis por proteger a família, e, por isso, justifica-se que os

homens devem ser viris, mas também em (1), em que família é um valor oposto ao feminismo e do qual decorre que as mulheres devam ser conservadoras. Não se define com clareza o que é “família” e como ela está relacionada aos outros valores e premissas usadas, de forma que se podem justificar ambas as teses com uso desse termo – que é, ressaltamos, em tese aceito por todas as pessoas como algo desejado.

Além disso, como já mostramos, a seleção de valores é diretamente ligada à ideologia, e, por conta disso, podemos apontar que os valores negativos são próprios a nova-direita, e, em geral, ligadas à direita cristã – um dos principais grupos da nova-direita e com grande atuação dentro do poder legislativo brasileiro, principalmente quando se trata de questões progressistas (LACERDA, 2016) – e ao neoliberalismo. Assim, quando se fala de depravação moral (como aborto, vagabundagem e terrorismo), cria-se uma justificativa moral para se estar contra algo, é um reforço à lógica explanatória antes comentada. Assim, a argumentação em (4), por exemplo, se dá sobre se a China tem ou não responsabilidade pela pandemia, e, genericamente, se a China oculta informações ou não e se agiu contra a pandemia ou não; todavia, o valor que orienta uma parte significativa de seu argumento é o fato de que a China “escraviza o povo, aborta bebês” e “mata sua própria população” – o que não está relacionado de forma lógica e profunda (pelo discurso) à tese.

Em face do exposto, esperamos ter conseguido mostrar a importância da construção de modelos e antimodelos no discurso da nova-direita e como eles podem atuar discursivamente na consolidação de valores fundamentais para a garantia da coesão do endogrupo neoconservador.

Referências

BERNARDO P KÜSTER. **A culpa é da China - Ponto final**. [S. l.: s. n.], 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cp9P1jQLhtt>. Acesso em: 5 jan. 2021.

BERNARDO P KÜSTER. **AZUL/ROSA - Ideologia de gênero para iniciantes**. [S. l.: s. n.], 4 jan. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R4m3NBd-wb8>. Acesso em: 22 ago. 2021.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019 (Feminismos plurais).

BOLSONARO, Jair M. Twitter. 12 nov. 2018. **Twitter**. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1061809199196368896>. Acesso em: 5 set. 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo [recurso eletrônico]**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL COURT, Laurent. Um TeaParty tropical: a ascensão de uma “nova direita” no Brasil. **Lutas Sociais**, v. 20, n. 36, p. 126-139, 30 jun. 2016.

- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003. Disponível em: <http://www.vlebooks.com/vleweb/product/openreader?id=none&isbn=9780203697078>. Acesso em: 9 jul. 2021.
- FAIRCLOUGH, Isabela; FAIRCLOUGH, Norman. **Political Discourse Analysis**: A Method for Advanced Students. Londres; Nova York: Routledge, 2012.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. 4ª.ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FREEMAN, David; CAMPBELL, John. **The Iron Lady**: Margaret Thatcher, from Grocer's Daughter to Prime Minister. New York: Penguin Books, 2014. Acesso em: 26 jan. 2022.
- GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A configuração funcional da argumentação prática: uma releitura do layout de Fairclough & Fairclough (2012). **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, p. 109-137, 26 dez. 2019. <https://doi.org/10.17648/eidea-19-v2-2498.b>
- GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; ISOLA-LANZONI, Gabriel. Multimodal practical argumentation and behavioral change: an analysis of the "Remember, the Metro is for everyone" campaign. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 3, p. 779-807, 7 dez. 2021. <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i3.1995>.
- GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Lógica Informal: uma introdução aos procedimentos de análise e de avaliação dos argumentos. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; DAMASCENO-MORAIS, Rubens (org.) **Introdução à análise da argumentação**. Campinas: Pontes Editores, 2022, p. 101-133
- HART, Christopher. **Discourse, grammar and ideology**: functional and cognitive perspectives. London; New York: Bloomsbury Academic, An Imprint of Bloomsbury Publishing Plc, 2014.
- HEYES, Cressida. Identity Politics. In: ZALTA, Edward N. (org.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Fall 2020. [S. l.]: Metaphysics Research Lab, Stanford University, 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/identity-politics/>. Acesso em: 17 jan. 2022.
- HUNTINGTON, Samuel P. Conservatism as an Ideology. **American Political Science Review**, v. 51, n. 2, p. 454-473, jun. 1957. <https://doi.org/10.2307/1952202>.
- LACERDA, Marina Basso. "Ideologia de gênero" na Câmara dos Deputados. 2016. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/6539>. Acesso em: 6 set. 2021.
- LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. 1a edição. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.
- LEDA NAGLE. Bernardo Küster: Jornalista Católico, sucesso no youtube. 11 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QEI-x4boing>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- MACAGNO, Fabrizio. A Means-End Classification of Argumentation Schemes. In: VAN EEMEREN, Frans H.; GARSSSEN, Bart (orgs.). **Reflections on Theoretical Issues in Argumentation Theory**. Argumentation Library. Cham: Springer International Publishing, 2015. v. 28, p. 183-201. DOI: http://doi.org/10.1007/978-3-319-21103-9_14. Disponível em: http://link.springer.com/10.1007/978-3-319-21103-9_14. Acesso em: 19 jan. 2022.
- MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 621-648, dez. 2017. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004>.
- MUNGER, Kevin; PHILLIPS, Joseph. Right-Wing YouTube: A Supply and Demand Perspective. **The International Journal of Press/Politics**, p. 194016122096476, 21 out. 2020. <https://doi.org/10.1177/1940161220964767>.
- PACHECO, Iris. No RN, fábrica do Grupo Guararapes é ocupada por mulheres. 8 mar. 2018. MST. Disponível em: <https://mst.org.br/2018/03/08/no-rn-fabrica-do-grupo-guararapes-e-ocupada-por-mulheres/>. Acesso em: 6 jan. 2022.
- PAINS, Clarissa. "Menino veste azul e menina veste rosa", diz Damares Alves em vídeo - Jornal O Globo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 jan. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 3ª. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014 [1958].
- PETCHESKY, Rosalind Pollack. Antiabortion, Antifeminism, and the Rise of the New Right. **Feminist Studies**, v. 7, n. 2, p. 206, 1981. <https://doi.org/10.2307/3177522>.
- PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: O liberalismo e a nova direita no Brasil**. 1ª. São Paulo: Todavia, 2021.

RODRIGO CONSTANTINO. **O ataque esquerdista ao homem viril**. [S. l.: s. n.], 18 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LOKFAIQowcA>. Acesso em: 4 set. 2021.

RODRIGO CONSTANTINO. **Vídeo da Semana: Feminismo e Socialismo, tudo a ver!** [S. l.: s. n.], 8 mar. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UsHKgHdAi0U>. Acesso em: 4 set. 2021.

SAAD-FILHO, Alfredo. Varieties of Neoliberalism in Brazil (2003-2019). **Latin American Perspectives**, v. 47, n. 1, p. 9-27, 1 jan. 2020. <https://doi.org/10.1177/0094582X19881968>.

SAAD-FILHO, Alfredo; BOITO, Armando. Brazil: The Failure of the PT and the Rise of the 'New Right'. **Socialist Register**, v. 52, 2016. Disponível em: <https://socialistregister.com/index.php/srv/article/view/25598>. Acesso em: 19 ago. 2021.

SCHOPENHAUER, Arthur; WERNER, Camila. **38 estratégias para vencer qualquer debate: a arte de ter razão**. São Paulo: Faro Editorial, 2014.

SOUZA, Cláudio André de. **Antipetismo e ciclos de protestos no Brasil: uma análise das manifestações ocorridas em 2015**. 2016. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3281>. Acesso em: 14 set. 2021.

TEMPOS MODERNOS [OLAVO DE CARVALHO]. **Olavo de Carvalho sobre feminismo, pedofilia e história da sexualidade. - Fragmento 28**. [S. l.: s. n.], 30 mar. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xnj4RUjEpo>. Acesso em: 3 nov. 2021.

TOLEDO, Luiz Fernando. Brasileiros confiam menos em vacina da China do que nas de outros países. **CNN Brasil**, 16 out. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pesquisa-rejeicao-a-vacina-chinesa-e-maior-no-brasil-do-que-em-outros-paises/>. Acesso em: 7 jan. 2022.

ZANINI, Fábio. Centrão é dono do poder, e Bolsonaro tem apoio do povo para garantir liberdade, diz ativista Bernardo Küster. 8 maio 2021. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/centrao-e-dono-do-poder-e-bolsonaro-tem-apoio-do-povo-para-garantir-liberdade-diz-ativista-bernardo-kuster.shtml>. Acesso em: 18 jan. 2022.